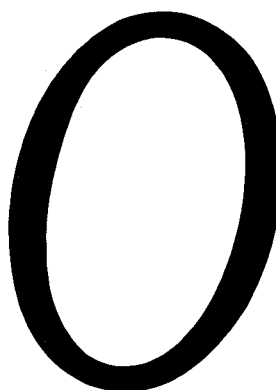


PROJETO PALMARES

**Zezito de Araujo
Da Associação Cultural Zumbi
e da Universidade Federal
de Alagoas**



Projeto Palmares¹ foi uma iniciativa da Associação Cultural Zumbi que teve, como um de seus objetivos, incorporar a história palmarina e a de Zumbi dos Palmares no ensino de 1º e 2º graus das escolas de União dos Palmares. A Associação Cultural Zumbi é uma entidade de negros com sede em Maceió. Várias foram as dificuldades enfrentadas pela equipe que desenvolveu o projeto. A equipe já conhecia a realidade da área: há três anos atuávamos na região, e esse trabalho nos permitiu ter contato com as condições do ensino local, principalmente no que se refere ao negro.

Ao iniciarmos o projeto, não previmos, em toda sua extensão, as implicações de ordem política e fundiária que iríamos enfrentar em decorrência da opção de trabalharmos o ensino-aprendizagem a partir da questão fundiária e dos valores culturais históricos presentes no cotidiano da comunidade (a monocultura da cana-de-açúcar e Zumbi dos Palmares), isto é, a relação social e racial do homem em União dos Palmares.

Apesar da equipe não possuir residência fixa na área, havia, por parte da mesma, um esforço para acompanhar o trabalho dos professores que se envolveram com o novo conteúdo e novas técnicas de ensino-aprendizagem². Este esforço, entretanto, era anulado por várias dificuldades. Em primeiro lugar, a

comunidade palmarina é bastante racista, tornando-se, assim, resistente a toda e qualquer forma de trabalho proposto pela equipe, pois a mesma se compunha essencialmente de negros³. Em segundo lugar, o coordenador municipal de ensino via, em nosso trabalho, uma competição ou desestabilização de suas idéias, já que a nova proposta levava professores, pais e alunos a discutirem a escola, seus objetivos, sua função e a própria coordenadoria de ensino. Vale salientar, que o projeto, desde o início, obteve autorização das autoridades municipais, tendo havido comum acordo sobre as escolas em que a experiência iria se desenvolver.

Na medida em que íamos adaptando ao ensino tradicional uma nova proposta de trabalho com os professores — que por sua vez se engajaram no projeto voluntariamente — outros problemas surgiram, decorrentes, principalmente, das condições da escola e de vida dos professores e alunos. O projeto oferecia à escola, dentro de seus limites, o que o professor necessitava, porém, a dificuldade maior, além das que já foram acima assinaladas, residia no aluno. A sua maior carência era e é a alimentação.

Os professores, na medida em que as discussões se encaminhavam para a questão fundiária, resistiam ou se limitavam à análise linear da problemática da relação homem, terra e indústria. A questão de fundo — qual seja, a relação do homem lavrador com a indústria da cana, desprovido de todas as condições de trabalho, de assistência trabalhista e médica — permanecia intocada. Toda essa situação de subvida do lavrador e de sua família, esta sua realidade social, imposta pelo predomínio dos grandes latifundiários que detêm a monocultura da cana-de-açúcar, principalmente a partir da implantação do pró-alcool, não era questionada pelo professor. Ao abordar tais questões, o professor iria penetrar na organização do poder político local, tendo em vista que o latifundiário é, ao mesmo tempo, autoridade constituída da região. Além disso, o seu cargo era preenchido através do clientelismo local, estando o professor sujeito a

1 O Projeto Palmares foi implantado em União dos Palmares após entendimento entre a Associação Cultural Zumbi e a antiga Secretaria de Cultura do Ministério da Cultura, em 1983. O Projeto estava vinculado à Secretaria da Cultura através do Projeto Interação Básica Entre os Diversos Contextos Culturais do País. O seu acompanhamento era feito pela equipe do próprio Projeto, por técnicos da Fundação Pró-Memória, INL (Instituto Nacional do Livro) e INACEN (Instituto Nacional de Artes Cênicas).

2 Durante a realização do projeto a equipe se utilizou de material áudio-visual, tais como os documentários: *Palmares: Brasil corpo e alma*, produzido pela TV Globo e que pode ser encontrado no Fundo Nacional Pró-Memória — DF; *Mamulengo* professor Pirindá, produzido pelo Projeto Interação e que pode ser encontrado na Fundação Nacional Pró-Memória — DF.

3 Para que se tenha uma idéia desse racismo, basta lembrar que até mesmo o primeiro nome que estava ligado ao último reduto de Zumbi, Cerca Real dos Macacos, é abjurado pela comunidade.

sanções, como a perda do próprio emprego.

Outro aspecto que dificultou nossa experiência, à qual já nos referimos, foi o racismo. Pudemos visualizá-lo de duas maneiras. A primeira, pelo fato da equipe de coordenadores ser formada por negros. Tivemos que demonstrar que, apesar de negros, somos competentes. Esta demonstração tem como uma de suas razões o fato de terem acontecido invasões à cidade, a partir de 1980, decorrentes das celebrações do 20 de Novembro (Dia Nacional da Consciência Negra e morte de Zumbi). Nos primeiros anos, a comunidade foi invadida por aproximadamente 5 mil negros, que vieram de todas as partes do Brasil para União dos Palmares, "violentando" os valores e costumes dos moradores. As autoridades vincularam tais comportamentos a "coisa de negro", gerando, assim, um sentimento de rejeição da comunidade a qualquer iniciativa negra que não tivesse o aval das autoridades.

A segunda, diz respeito à expectativa quanto ao nosso trabalho. Apesar das resistências apontadas, havia, por parte de alguns setores educacionais, principalmente por parte da Coordenação Municipal de Ensino, uma preocupação com a história de Zumbi e estes deduziram que nós, negros, poderíamos tratar do assunto, resgatar a história de Zumbi, mas dentro de uma visão nostálgica. Porém, na medida em que focalizamos o negro enquanto cidadão desprovido de todas as condições de vida — discriminado, inclusive, na cidade, que pretendia homenagear o maior herói negro do Brasil — procurando mostrar que antes de tudo seria necessário compreender a situação atual do negro, o negro do campo, o negro lavrador, o negro biscateiro da cidade, enfim, o negro que, perante o próprio professor e o sistema educacional local, não tinha o mínimo valor, os professores tomaram a partir daí uma nova direção, passando a debater a questão com a comunidade, em sala de aula e a promover trabalhos práticos relativos ao negro e a Zumbi. Mas a despeito dessa nossa iniciativa a visão de Zumbi presente na consciência desses professores ainda era a de um Zumbi do passado, um herói de União dos Palmares e não um herói negro. Constatamos que, mesmo com um herói assumido pelo povo, e decantado pelas autoridades (embora sob uma perspectiva nostálgica e, portanto parcial), não foi fácil trabalhar a questão do negro na escola a partir da sua realidade.

Um outro dado importante nesta experiência é que, em algumas das escolas em que trabalhamos, os alunos, na sua grande maioria, não se consideravam negros de acordo com os valores raciais brasileiros e quando o assunto abordado dizia respeito ao negro, eles se retiravam da sala, ou permaneciam calados tornando-se, então, alvo de olhares dos companheiros, que se confundiam entre a censura e o elogio.

Além de todas estas dificuldades ainda havia a fome, a doença endêmica da região da monocultura de cana-de-açúcar.

Dentre as escolas em que trabalhamos, a da comunidade de Múquem (distrito rural de União dos

Palmares) despertou, particularmente, nossa atenção. Ela localiza-se em uma propriedade cujas terras são divididas entre os habitantes, na sua maioria, negros. Por ocasião da nossa chegada, não havia escolas na comunidade, que contava na época com uma população de cerca de 600 crianças em idade escolar. Nosso primeiro trabalho foi organizar a comunidade no sentido de reivindicar do prefeito uma escola para crianças e adultos: após dois anos de luta, foi construída uma escola e entregue ao povo de Múquem. Iniciamos o trabalho com duas professoras que moravam na própria comunidade. Nesta escola, a equipe não abordou as questões referentes ao negro mas, principalmente, o problema da terra e da fome, pois os negros viviam harmoniosamente na comunidade, porque eram de uma só família e todos negros. Desde o momento de sua chegada eles foram marginalizados pela comunidade urbana, passando, então, a produzir em suas terras toda a alimentação para a sua subsistência sem depender de outra fonte de renda. Inclusive, muitos dos utensílios domésticos eram produzidos pela própria comunidade ou comprados em vilas próximas.

O convívio mais estreito com os alunos nos permitiu conhecer melhor os graves problemas decorrentes da fome — ficamos estarecidos com o número de crianças com problemas de visão. Para nós era evidente que o mal que assolava aquelas crianças era decorrente do plantio da cana-de-açúcar. As terras, que antes eram cultivadas para a agricultura de subsistência, passaram a ser ocupadas pela monocultura da cana, retirando do lavrador e de sua família alguns alimentos básicos para o seu desenvolvimento. Discutimos, com alguns lavradores, a importância de voltarem a plantar a lavoura branca, porém os mesmos alegaram que não havia tanta terra para plantar, pois elas foram perdidas para os grandes latifundiários. Além disso, com a multiplicação das famílias em virtude dos novos casamentos, a terra tornava-se insuficiente. As porções não davam para produzir o necessário para sua subsistência e a solução era vender sua força de trabalho aos grandes latifundiários na época da safra.

A solução paliativa viável, na ocasião, foi oferecer assistência médica àquelas crianças através de um convênio da Prefeitura com o Hospital Universitário da Universidade Federal de Alagoas. A sugestão foi, então, levada através do coordenador Municipal de Ensino ao prefeito do Município mas, para nossa tristeza, a proposta não vingou, pois extrapolava, na opinião do coordenador, a função do educador.

As crianças continuam na mesma situação, ou talvez pior, e tivemos que deixar de trabalhar o Município enquanto Projeto Palmares⁴, pois a nossa proposta não interessava aos grupos dominantes da região.

4 A experiência da equipe durante a realização do projeto será objeto de um vídeo, *Múquem*, que está sendo produzido Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da Universidade de Alagoas.